

“Tumba do passado” ou “memória de um povo”: uma análise sobre as repercussões da proposta de modernização do interior da Igreja Matriz de Nova Trento/SC – Brasil

DOI: 10.2436/20.8070.01.139

Anderson Sartori

Mestre em Educação – Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
Doutorando em Turismo e Hotelaria - Universidade do Vale do Itajaí, Brasil.
E-mail: anderprof@hotmail.com

Resumo

O município de Nova Trento (Santa Catarina) é reconhecido como um dos principais destinos do turismo religioso no Brasil devido ao Santuário de Santa Paulina e também tem na cultura trentino-italiana como outro atrativo, especialmente pela culinária e produção vinícola. A religiosidade é mais uma das características, com a existência de mais de 30 capelas e/ou oratórios para devoção espalhados no espaço geográfico do município, demarcando a devoção as santidades da Igreja Católica. Com a proposta de modificação do interior da Igreja Matriz da cidade (construída no início da década de 1940 e dedicada a São Vigílio), no ano de 2016 por parte da Paróquia que administra o local, um debate é iniciado no cotidiano, através da divulgação no meio jornalístico e nas redes sociais, principalmente de sujeitos contrários a intervenção. A relação com a memória e a história vinculadas ao processo de construção da igreja mobilizou diferentes subjetividades e relações de poder, envolvendo pessoas e instituições, tanto do Brasil como em Trento, na Itália contrárias ao projeto de reforma. Este artigo tem por objetivo investigar as representações sobre turismo religioso e patrimônio cultural produzidas com a proposta de modernização do interior da Igreja Matriz. Optou-se pela pesquisa qualitativa, com a utilização de fontes bibliográficas e análise de conteúdo dos discursos individuais e coletivos. Como resultados, identificou-se na oposição à proposta como principais argumentos a importância da edificação para a identidade cultural, o valor histórico e potencial do turismo religioso. Este debate gerou também a proposição de uma política pública de preservação patrimonial e um planejamento mais abrangente para o turismo religioso, embora constatou-se que não ocorreu sua efetivação.

Palavras-chave: Turismo. Turismo Religioso. Patrimônio Cultural. Planejamento. Nova Trento.

1 INTRODUÇÃO

As transformações geradas nas últimas três décadas, em diferentes contextos, modificaram a relação dos sujeitos com as noções de tempo e espaço, proporcionando novas formas de interação, acesso às informações e ao conhecimento. As identidades culturais passaram por mudanças: com a maior interatividade entre os sujeitos, a cultura passou a ser ainda mais dinâmica, em constante alteração. Ao analisar essas transformações nas identidades dos sujeitos e o processo de descentramento, gerado a partir de fins do século XX e início do XXI, Hall (2006) aponta que não existe uma identidade única no sujeito, mas sim identidades que são contraditórias, com as identificações sendo constantemente deslocadas.

Com as mudanças e a ampliação dos sistemas de significações e representações culturais, “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13). Importante frisar que o preconceito, em suas diferentes escalas e amplitudes, ainda se mantém e, muitas vezes, é reforçado neste processo. A contínua mudança nas identidades culturais estabelece novas significações e representações sobre o outro, o diferente, definido a partir de determinados pressupostos, em ambos os sentidos. Práticas sociais e relações de poder podem gerar domínios de saber que contribuem para outras concepções de sujeito e de conhecimento, constituindo, nesta relação, novas práticas, objetos, conceitos e técnicas (FOUCAULT, 1999).

O período pós-Segunda Guerra Mundial (1945) inaugura uma fase de inovações tecnológicas, que modificam as bases das sociedades, tanto nas formas de produção, como de consumo, gerando também as contestações políticas e sociais que convulsionaram as décadas seguintes, com novos movimentos sociais e suas demandas, ampliando as discussões nos espaços públicos. A vida pública e privada passa a ter novos significados com esses conflitos, que ganharam força a partir da década de 1960, ocasionando a produção de práticas e relações sociais e culturais que buscavam romper com os padrões estabelecidos (HOBSBAWM, 1998). Diferentemente de outras épocas na história, o aumento da circulação de informações e pessoas com as novas tecnologias produz mudanças significativas nas sociedades em escala de anos, o que, anteriormente, era gerado em décadas, ou com grandes revoluções, como a Industrial, em meados do século XVIII, a partir da Inglaterra.

Neste contexto, o turismo transformou-se em uma atividade, que gera renda e possibilita o desenvolvimento econômico, social, espacial e cultural em escala global, embora não de forma equânime e com contestações nas formas de exploração dos destinos, nem sempre sustentáveis ou positivas às comunidades receptoras. As facilidades das tecnologias da informação e a ampliação das formas de deslocamento proporcionaram aos sujeitos, que possuem condições econômicas, a possibilidade de conhecer novos lugares, tornando, assim, os destinos turísticos uma alternativa para as férias, aventuras, viagens de trabalho, ou lazer, por exemplo. O desenvolvimento do turismo, nas últimas décadas do século XX, proporciona potencial diversificador e multiplicador para as economias locais e destinos, que passam a ser visitados várias vezes, além de, em virtude da facilitação ao acesso às informações, o turista tornar-se mais experiente, o que possibilita a busca por experiências inovadoras em outras regiões turísticas.

O turismo pode ser considerado uma atividade recente, datado de meados do século XIX, e foi sendo desenvolvido com as novas possibilidades geradas pela acumulação de riquezas, inovações tecnológicas e profissionalização para as viagens e

serviços oferecidos (DOOLIN; BURGESS; COOPER, 2002). Conhecer culturas e lugares passa a ser algo prazeroso, um momento de estar em contato com o exótico, gerando, assim, competitividade entre os destinos, com mudanças culturais do turista e sua compreensão sobre o turismo. A profissionalização, novos segmentos, exigências legais e técnicas, as questões ambientais, o planejamento e a gestão turística são alguns dos aspectos destacados pelos autores citados anteriormente nessa constante transformação que os destinos turísticos necessitam estar adaptados para sua manutenção no mercado.

Dependendo das relações estabelecidas, este processo impacta, não somente no turista, mas também no residente do destino turístico, de várias formas (MARUJO; CARVALHO, 2010). O contato com a cultura do outro, além de ser um choque em muitos sentidos, pode ser compreendido como uma forma de fortalecimento das identidades locais e produção de uma nova experiência para o visitante. O contato entre turistas e residentes, com suas culturas, desencadeia um processo de contradições, tensões e questionamentos, ocorrendo, nesta experiência, trocas culturais e possíveis transformações nas identidades. Proporcionam diferentes formas de entender o turismo e as relações culturais, tanto para o turista, como para o residente, de acordo com a consolidação do destino e seus atrativos. Pode, ainda, gerar resistências por parte da população local, dependendo de como o turismo é organizado e estabelecido, ou seja, é um contexto de conflitos e tensões, em diversas dimensões.

Pela pluralidade que a atividade turística constitui, os sujeitos buscam satisfazer suas necessidades, de acordo com um roteiro para destino ou atrativo, que atenda a suas expectativas e subjetividades. Como uma forma de estratégia de *marketing* para atrair um público específico para um determinado mercado turístico, a segmentação é utilizada, a partir de critérios para agrupar interesses similares, embora não excludentes, pois o sujeito pode estar inserido em mais de um segmento (FRANKLIN, 2004). Os segmentos turísticos surgem da concepção, na qual os interesses não são divididos por igual, bem como um destino não teria as condições de abarcar todo o público que deseja consumir seus bens, produtos e serviços. Para Hall (2004), a segmentação de mercado turístico é importante para a compreensão da relação entre produtos turísticos e o mercado, possibilitando a formulação e o posicionamento da experiência turística, para atrair turistas a um segmento, assim, pré-identificado com seus interesses ou necessidades. Por isso, conhecer o turista em potencial que visita o destino é importante, a fim de oferecer os produtos adequados às suas expectativas, a seus sonhos, ou a outra necessidade (profissional ou educacional, por exemplo).

Um desses segmentos é o do turismo religioso, que pode ser compreendido como a atividade em que as pessoas “se deslocam por motivos e eventos de significado religioso ou para vivenciar locais religiosos que contenham valor histórico, cultural e que expressem alguma singularidade da localidade” (ARDIGÓ; CAETANO; DAMO, 2016, p. 357). Em tese, o deslocamento dos sujeitos é motivado pela religiosidade, o que gera a utilização de bens e serviços da hospitalidade no destino, não se restringindo aos aspectos especificamente religiosos. Os destinos turísticos religiosos apresentam características singulares devido ao pertencimento que os sujeitos possuem com sua espiritualidade, ao mesmo tempo que possibilitam experiências culturais diferenciadas. A religiosidade pode ser apresentada e compreendida nestes espaços, de forma diversificada, tanto pelos atributos da sacralidade do território, vivenciados pelos fiéis, como pelo patrimônio cultural, material e imaterial. A materialidade de suas construções históricas (na maioria dos casos) e as narrativas de pertencimento identitário da comunidade local estão relacionadas às práticas rituais da religiosidade que compõem a imaterialidade deste patrimônio. A experiência com o sagrado pelo peregrino, sujeito motivado somente pela

fé, pode ou não ser vivenciada pelo turista/visitante, que não possui na religiosidade sua principal motivação à viagem (SILVA; MARQUES JUNIOR, 2016).

Como a religiosidade é parte da formação histórico-cultural das sociedades humanas, independentemente do período temporal e das divindades veneradas, os movimentos de sujeitos motivados pela fé é um fenômeno presente, com maior ou menor intensidade, seja nas religiões politeístas ou monoteístas. O local considerado sagrado é um espaço de aproximação com o espiritual, diferentemente das relações estabelecidas com a crença no cotidiano; os santuários, templos, ou monumentos são exemplos deste fenômeno. O deslocamento de pessoas para os lugares sagrados mobilizou a organização de condições básicas para o acolhimento dos fiéis, tornando-se a base, que constitui a estrutura para o atendimento ao turismo, quando estes lugares passam a ser considerados destinos turísticos e atraem visitantes de outras denominações religiosas e com interesses culturais (PERILLA; PERILLA, 2013).

Esses territórios sagrados sofreram modificações ao longo dos séculos, por diferentes alterações, que ocorreram historicamente, tornando-se, muitos deles, ruínas e espaços que, atualmente, são somente atrativos turísticos e não mais locais de culto. Como exemplo, ao observar a segmentação turística de mercado, é comum que se diga que os templos gregos, romanos ou egípcios podem não ser considerados destinos de turismo religioso. Não há, hoje, mais praticantes destas religiões e a sacralidade existe somente como um atributo histórico, não de pertencimento às subjetividades modernas. Para Juncà (2011), que discute o conceito de paisagem no turismo na pós-modernidade, o território é concebido ao longo do tempo e com diferentes representações, sendo um mosaico de paisagens, conforme os interesses econômicos, ambientais, culturais e os valores dos grupos humanos que habitam o lugar. A dinamicidade da contemporaneidade promove um processo de transformações constantes dos territórios, alterando também a motivação dos sujeitos para conhecer esses lugares, as identidades que os compõem e, neste contexto, as relações com o turismo mudam, de acordo com as novas significações atribuídas.

Desta forma, um cristão pode visitar um templo budista no Nepal, como uma experiência cultural e espiritual, sem vínculo à sua vivência religiosa, ou, até mesmo, visitar a Índia e conhecer o Taj Mahal, uma mesquita muçulmana, em um país de maioria hindu, mas nem se dar conta desta situação ao compartilhar, nas redes sociais, *selfies*, feitas em frente à construção. Conforme pesquisa realizada por Chand (2010), com objetivo de comparar as motivações de estrangeiros e turistas domésticos para visitas a locais sagrados na Índia, a imersão cultural é o principal motivador para os turistas estrangeiros, diferentemente dos turistas indianos, que, além da questão religiosa, apontaram a aproximação familiar como motivo da viagem. O autor identifica, em suas conclusões, a importância de estabelecer e compreender as diferenças motivacionais e expectativas no turismo religioso.

Ao mesmo tempo, o conflito das identidades culturais e religiosas pode tornar-se um elemento preocupante para o turismo, como no caso da Terra Santa, em Jerusalém, alvo de atentados violentos em ambientes públicos por diferentes motivações, sendo a religiosa uma delas (BRIN, 2006). Esta é uma das especificidades do turismo religioso, que o distingue de outros segmentos, com os componentes das subjetividades individuais que podem causar um estranhamento muito maior do que o choque cultural que ocorre nas viagens a países com práticas consideradas exóticas. O contraste entre os diferentes possui, na religiosidade, elementos específicos no turismo religioso por envolver a fé e o fanatismo, que, em muitos casos, não são presentes de forma tão evidente em outros segmentos turísticos. Assim, para fins de caracterização, a relação entre peregrino e turista

apresenta uma fronteira frágil, devido às subjetividades envolvidas na escolha do destino, que pode ser considerado profano e sagrado ao mesmo tempo, devido à atratividade turística desses territórios religiosos e que contam com diferentes estruturas para atendimento do público.

As próprias mudanças geradas nas religiões e nas relações estabelecidas, envolvendo os diferentes sujeitos dentro da atividade turística, contribuem para uma mudança nas práticas culturais e nas mentalidades. Relações entre turista e/ou peregrino e morador local, entre a definição do que é sagrado e profano, das atividades que podem ou não ocorrer no entorno do local sagrado, as disputas entre público, iniciativa privada e instituições religiosas para gerenciar o turismo, os benefícios gerados por este processo são alguns dos exemplos de questões para análise. O turismo religioso apresenta relações conflituosas, que necessitam de estudos aprofundados e que envolvem contextos diversos, como a subjetividade, a identidade cultural, a memória individual e coletiva, o patrimônio cultural, a constituição de territórios religiosos, dentro das transformações constantes das sociedades.

O objetivo deste trabalho é, portanto, investigar as representações do turismo religioso e do patrimônio cultural, produzidas como proposta de modernização do interior da Igreja Matriz de Nova Trento (estado de Santa Catarina – Brasil). Busca-se contribuir, também, com as discussões sobre a produção teórica do turismo religioso, que carece de estudos mais aprofundados sobre as relações do turismo em si, do turismo religioso e seus impactos. As produções científicas que abordam Nova Trento e o turismo ainda são ainda escassas, mesmo com toda a ampliação do *marketing*, realizada na última década, para atrair o turismo religioso ao município (ARDIGÓ; CAETANO; DAMO, 2016), o que foi um limitador para este trabalho, na busca por referências bibliográficas, principalmente as mais recentes, que são incipientes.

2 TURISMO RELIGIOSO E PATRIMÔNIO CULTURAL

O turismo religioso é uma experiência cultural e espiritual ao mesmo tempo, pois desenvolve-se em um lugar considerado sagrado pelos fiéis, sendo estes espaços, locais de peregrinação, que foram transformados em atrativo turístico, abrangendo vivências e experiências muito diferentes, dependendo do interesse do visitante (GONZALO, 2006). Esteban (2017), ao analisar a gestão do planejamento turístico em Bogotá (Colômbia), afirma que, ao desenvolver o turismo religioso, o valor histórico e artístico precisa ser estimado, por exemplo, possibilitando um desenvolvimento sustentável do território, aliando a religiosidade com a cultura.

No contexto da pesquisa desenvolvida sobre o turismo em Cartagena de Índias, na Colômbia, Castillo e Vargas (2017) trabalham com o conceito de turismo cultural, englobando a religiosidade como parte deste. O destino é um dos principais do país na atração de visitantes internos e do exterior e os autores buscam analisar as fronteiras, que demarcam os sujeitos que viajam em função de conhecer a cultura local ou da devoção, e afirmam que, no turismo religioso, “es difícil de establecer si la persona que realiza este tipo de actividades es un peregrino auténtico, movido por la fe y la seriedad del acto de peregrinación, o un turista, quien ve la actividad como algo trivial y superficial” (CASTILLO; VARGAS, 2017, p. 144). A dificuldade em estabelecer qual o perfil da motivação do visitante fica evidente nas conclusões dos autores, na dualidade entre as possibilidades da intensidade das experiências dos sujeitos, que caracterizaram a atratividade para os momentos de devoção, ou para aproveitar os atrativos turísticos, que não necessariamente são somente religiosos.

Outros aspectos têm destaque nos estudos sobre este segmento, como no caso de Perilla e Perilla (2013), que questionam como um fenômeno social e econômico transformou-se em uma forma de proporcionar o desenvolvimento dos espaços, que recebem, agora, visitantes, não somente os peregrinos, como anteriormente. Estes autores afirmam ainda ser necessário o aprofundamento para conhecer os fatores que motivam as viagens a espaços sagrados, como por exemplo, as crenças, locais de origem e outras variáveis sociodemográficas do turista/visitante religioso, para ser possível determinar, de forma mais adequada, o planejamento e as políticas públicas para atender a esta demanda.

Importante frisar as diferentes concepções sobre os conceitos de peregrino e turista no turismo religioso, abordado de formas diversas nas pesquisas desse segmento (SERRALLONGA; HAKOBYAN, 2011; PALMER; BEGLEY; COE, 2012; ROCHA; BELCHIOR, 2016 e ADAM, 2018). Torres, Barquín e Garcia (2017), na pesquisa realizada com as principais publicações sobre turismo para o comparativo entre as perspectivas teóricas, na produção científica em língua inglesa e espanhola, concluem que, na literatura em inglês, existe uma distinção entre o turismo, como sendo secular, e a peregrinação envolvendo o sagrado, enquanto na literatura em espanhol, o turismo religioso é concebido como sendo não convencional, ligado a elementos da cultura. Dependendo do contexto cultural, as formas de identificar, analisar e desenvolver o turismo religioso são pautadas, de acordo com a concepção das diferenças entre ser peregrino e ser turista.

Ao pesquisarem sobre a influência das peregrinações em espaços rurais para o desenvolvimento econômico local, Sánchez, Valverde e Vargas (2017) avaliam que as peregrinações contribuem para aumentar as vendas no entorno do santuário, com a necessidade de ampliar o tempo de estadia, por meio de produtos relacionados à religiosidade, levando em consideração o respeito às culturas e tradições. Essas conclusões são oriundas da pesquisa realizada em um santuário católico de Tlaxcala (México). Neste estudo, os autores apontam que o turismo religioso e as peregrinações são tomados como sinônimos em muitos momentos, principalmente, por ocuparem o mesmo espaço e a mesma infraestrutura, mas têm nas motivações da viagem seu diferencial: o turista busca o lazer e o ócio, enquanto o peregrino procura o sagrado, a vivência da profissão de sua fé. O peregrino possui o trajeto como parte fundamental de seu deslocamento, seguindo determinados rituais até a chegada ao local, para completar sua experiência de aproximação com o sagrado. O turista religioso tem, no espaço sagrado, seu objetivo final ou parte da viagem, dependendo das motivações para visitar o destino escolhido, podendo, por exemplo, ser parte da rota somente. Os autores destacam que o potencial econômico, desta forma, não é exclusivo do local sagrado em si, mas do entorno e ao longo do trajeto. O turista ou peregrino interagem com as comunidades, adquirindo alimentos, bebidas, artesanatos ou outros bens e serviços, que podem ser complementares à renda dos agricultores, no caso retratado.

No turismo religioso, os espaços da Igreja Católica no ocidente, ainda predominam como atrativo aos turistas ou peregrinos. Na Europa, a discussão entre as diferenças do ser peregrino e turista no espaço sagrado possui variações nas análises, sendo significativas as discussões sobre as dinâmicas no espaço religioso. Prazeres e Carvalho (2015), ao estudarem comparativamente quatro cidades-santuários marianos, apontam duas dinâmicas, que influenciam as formas de interação e comportamento desses sujeitos. A primeira refere-se à comercialização de artigos religiosos, muitas vezes de forma excessiva, que pode expressar a mercantilização da cultura e da própria religião, levando ao questionamento acerca das motivações da viagem a estes espaços, no caso, turistas religiosos ou somente consumidores em busca desses produtos, por exemplo. A

segunda dinâmica é quanto à diversidade dos visitantes dos espaços religiosos que vem sofrendo modificações nos últimos anos, já que eles buscam uma nova experiência, produtos e serviços turísticos nestes espaços. Atender a essa demanda, garantindo a qualidade do que é ofertado e manter a autenticidade é o objetivo a ser alcançado, que, muitas vezes, é o maior desafio no processo de massificação do destino.

Interessante ressaltar que essa percepção sobre o visitante do espaço religioso é diferente no Brasil. Segundo Pereira e Chistoffoli (2013), na pesquisa com visitantes em três cidades com santuários católicos (Aparecida e Iguapé/SP e Nova Trento/SC), nesses locais o turismo ainda é pouco desenvolvido, aparece de forma mais sistematizada pelos agentes locais (igreja, gestão pública, uso do *marketing* e agências de viagens), além de o visitante não se considerar um turista neste ambiente, mas sim devoto, chamando a atenção para o desenvolvimento de planejamentos adequados, de acordo com o perfil desta demanda atual, proporcionando a presença do turismo, que atenda às singularidades nestes locais.

Bar e Cohen-Hattab (2003) analisaram as formas de peregrinação na região da Palestina, entre os séculos XIX e o início do século XX, e discutiram as mudanças ocorridas, conceituando como moderno o turista peregrino, ao compararem as motivações para as viagens a este destino, no recorte histórico escolhido. Os autores abordam as diferenciações que motivavam as viagens, sendo que a questão religiosa perpassava os dois grupos (peregrinos e turistas) pela Palestina – considerada o berço das três principais religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo) –, mas o moderno turista peregrino buscava também conhecer o lado secular, não se restringindo ao sagrado. Como, neste período, a região estava sob o domínio britânico, o gerenciamento e a organização do turismo foram sendo estabelecidos com a regulamentação da atividade dos guias turísticos e a construção de hotéis para receber o novo público. Os peregrinos, usualmente, ficavam hospedados em albergues, ou outras instalações mantidas por religiosos, que tinham um caráter austero, sem os confortos existentes nas residências europeias da época, além da separação de gêneros imposta, com um valor financeiro muito baixo para a estadia. A oferta de serviços com qualidade e conforto tinha um custo que o moderno turista peregrino podia e estava disposto a pagar em sua viagem, sendo que os autores apontam que, antes do fim do domínio britânico, os números de peregrinos diminuíram frente à procura do turismo na região, que conta com o Mar Mediterrâneo como um outro atrativo. A mudança da concepção de peregrino através da inserção do turismo em um território sagrado traduz as transformações culturais geradas ao longo do século XX, com novas formas de relacionar a religiosidade com o mundo considerado profano e a busca pelo conforto da viagem turística ao invés das dificuldades e restrições das peregrinações.

As transformações na peregrinação, com o turismo e as implicações para o planejamento e outras atividades econômicas, é o objetivo da pesquisa desenvolvida por Collins-Kreiner (2010), que analisa estudos de caso sobre peregrinações de cristãos, judeus, baha'is e budistas. Uma das conclusões aponta para o gradual desaparecimento das diferenças entre peregrinos e turistas e o fortalecimento de semelhanças entre ambos, como, por exemplo, a forma de descolamento nas viagens e o envolvimento emocional com os lugares de visitação, mas as experiências não podem ser consideradas homog neas, devido às suas motiva es. Como sugestão, para contribuir com as análises sobre turismo e peregrina o, que coexistem nos diferentes lugares de visita o, o autor propõe a ênfase no efeito da viagem sobre os visitantes, mudando o foco que normalmente   dado sobre os impactos do turismo na popula o local. As experiências, nesta proposta, seriam mensuradas de acordo com o efeito e a força causada na vivência

do sujeito, independentemente de ser turista ou peregrino. A busca por novos sentidos para a vida, argumenta o autor, provoca este estreitamento da diferença entre turista e peregrino, como vêm apresentando as discussões teóricas e as práticas sobre este tema. A chamada mudança turística pode ser considerada o elemento que agrega a pesquisa atual em peregrinação e suas diferentes interfaces, com o contínuo apagamento das distinções conceituais aceitas no passado.

Outros trabalhos que discutem o potencial turístico dos destinos com turismo religioso são de Wall; Sun; Wu (2014), Dias-Sardinha; Ross; Loureiro (2014) e Barreth; Trelles (2015), que realizam a avaliação de como esses destinos são e podem ser competitivos, abarcando uma diversidade de interesses por parte do visitante, abrindo possibilidades para o planejamento e atendimento da demanda. Em outra abordagem, Henriques; Custódio (2010), Aragão; Macedo (2011), Villacis-Mejía *et al.* (2016) Gomez (2016) e Martín; Gallego (2016) analisam os produtos turísticos culturais, a partir da ótica do patrimônio cultural material ou imaterial. As relações entre patrimônio cultural e o turismo religioso são presentes nestes estudos, com muitos dos templos ou espaços sagrados para a religião, também sendo representativos para a cultura, na qual estão inseridos, mobilizando a subjetividade dos visitantes/turistas, independentemente de sua religião.

As motivações para a viagem do visitante/turista/peregrino para um destino/atrativo turístico religioso são exploradas nos estudos de Lima; Simson (2010), Shinde (2011), Aragão (2014), Nyaupane; Andreck (2014), Kamenidou; Vourou (2015), Marujo (2015) e Lima; Cardinale (2017). Estas motivações, em muitos dos casos apresentados nas pesquisas, envolvem conhecer uma outra cultura, seu patrimônio ou ter uma experiência espiritual, não necessariamente por motivos religiosos, o que leva à distinção entre o peregrino, que realiza a viagem com o objetivo principal da espiritualidade/religiosidade, o que, ao contrário, não é a motivação maior do turista/visitante (ARAGÃO, 2014; PRAZERES; CARVALHO, 2015).

A necessidade de práticas para a preservação e proteção do patrimônio cultural nos destinos do turismo religioso são analisadas por Nilsson *et al.* (2011), Zhao; Shi (2013), Wong (2014), Figueiredo (2015) e Holst (2015). A preocupação com o desenvolvimento da atividade turística é avaliada, tanto de forma negativa – com a descaracterização ou perda do patrimônio cultural, devido às pressões de demanda de visitantes/turistas –, como de forma positiva, sendo o turismo um indutor para auxiliar em processos de conscientização da comunidade para a importância da preservação e das possibilidades econômicas provenientes do atrativo cultural para os visitantes/turistas (FIGUEIREDO, 2015).

Desta forma, as potencialidades do desenvolvimento do turismo religioso são vinculadas a uma série de fatores, mas, principalmente, à questão da preservação do patrimônio cultural, material e/ou imaterial. Dependendo do destino, o patrimônio é um atrativo fundamental para mobilizar o interesse dos turistas, bem como para proporcionar à população local a noção de pertencimento àquele espaço, enquanto marco identitário.

Contudo, sabe-se que “ser histórico”, no sentido de ser singular e relevante para a compreensão do passado das sociedades, não é suficiente para “ser turístico”. Todavia, cabe à comunidade local primeiramente pensar em preservar sua cultura para as gerações futuras, e depois, caso venha ocorrer um planejamento turístico envolvendo esse legado cultural, o mesmo poderá ser utilizado sem que venha correr o risco de perder suas características principais (CARVALHO; VIANA, 2014, p. 706).

As possibilidades de o turismo religioso fomentar práticas de preservação do patrimônio é um dos caminhos apresentados nos estudos, gerando uma nova forma de renda para a população local e proporcionando uma experiência cultural diversificada, devido ao fato de que muitos visitantes de destinos ou atrativos religiosos não serem peregrinos ou fiéis, mas sujeitos, que buscam interagir e agregar valores simbólicos às suas vivências.

As significações, representações, a arquitetura, os rituais e cultos, quanto mais forem considerados distantes da cultura do turista, mais o destino se torna atrativo, tanto no que diz respeito aos espaços sagrados, que possuem fiéis, quanto, atualmente, as ruínas de templos de sociedades, que não cultuam mais seus deuses, como é o caso de espaços gregos, romanos ou incas, que atraem milhões de visitantes por ano. Estes espaços possuem memórias, que necessitam de interpretação para serem consideradas atrativo turístico, construindo a narrativa que estabelece os significados para a compreensão dos visitantes, de seus usos e funções em diferentes momentos históricos. A interpretação dos usos da memória e do patrimônio deve ser crítica, conforme alerta Le Goff (2012), por ser parte do conjunto que forma as relações de poder e deve ser estudada nas perspectivas econômicas, social, jurídica, política e cultural. O turismo, ao se utilizar da memória sem um cuidado crítico, pode reforçar determinadas relações de poder e pode contribuir para a constituição de significados do patrimônio material e dos saberes e fazeres das comunidades, que não necessariamente tenham relação com o contexto no qual o turismo está inserido. O fazer do turismo requer bases teóricas que abordem as contradições existentes nas relações de produção cultural e de poder que são estabelecidas pelos diferentes sujeitos.

A participação da comunidade local no processo de desenvolvimento do destino turístico é importante para que as memórias lembradas contribuam para a manutenção de seus saberes e fazeres próprios e para a valorização do patrimônio, que a represente de forma inclusiva. Um cuidado com o envolvimento da comunidade com o turismo e sobre a manutenção da identidade cultural é o questionamento sobre a identidade ser escolhida nesse contexto, gerada nas relações de poder entre os diferentes atores. O contato com o outro no turismo é intrínseco, por ser uma atividade cultural que gera percepções, que podem estar vinculadas a elementos da memória dos sujeitos e o passado é significado através das vivências do presente, como parte deste processo da valorização para o turismo, que pode também gerar esquecimentos. As permanências e mudanças entre passado e presente, coletivo e individual, patrimônio material e imaterial são atributos, que necessitam ser considerados nas análises sobre o sagrado e o profano que envolvem o turismo.

Pode-se compreender a memória “como um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2012, p. 455). Ao discutir a relação entre memória e a identidade social, Pollak (1992) chama atenção para algumas especificidades da memória, principalmente, para o cuidado do pesquisador com a seletividade. A capacidade de lembrar do passado depende do contexto e do momento em que está sendo articulada e expressa, com as preocupações do presente interagindo com a estruturação da memória. No nível individual, as flutuações do processo de lembrar do passado são mais presentes que nos aspectos que envolvem a memória coletiva, que possui marcadores e organização, como, no exemplo citado pelo autor, as datas comemorativas, que remontam a acontecimentos importantes à memória nacional.

A constituição da identidade e do sentimento de pertencimento perpassa pela memória “tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator

extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 05). A identidade, por ser constituída na relação com o outro, necessita de critérios de referência, sendo estes modificados, de acordo com as novas relações estabelecidas pelos grupos sociais e negociadas neste processo, não sendo compreendidas como presentes na essência do sujeito ou do grupo. Nesta argumentação, para Pollak (1992), a memória e a identidade são disputadas nas dimensões individuais e coletivas, em conflitos sociais e entre grupos, que colocam suas concepções em oposição, proporcionando a construção de novas relações ou resistências para permanências. A memória é construída, é seletiva, envolvendo a relação entre o individual e o coletivo, que demarca o lugar do sujeito dentro do seu processo de recordar e organizar o passado, de acordo com os referenciais de um determinado espaço e tempo.

Discutindo memória em perspectiva semelhante, Halbwachs (1990) define que o indivíduo está entrelaçado com dois tipos de memória: a individual e a coletiva, sendo necessário, para lembrar de suas próprias histórias, utilizar-se do passado dos outros, que vivenciaram ou compartilharam, em uma comunidade, as transformações no espaço e tempo. Uma diferença é que a memória coletiva não necessariamente perpassa por experiências vivenciadas pelo sujeito, que participa da manutenção das tradições que a lembrança de momentos do passado gera, sobrevivendo muito mais tempo que as consciências individuais. A memória individual não está presente no coletivo, mas é presente nas lembranças dos sujeitos, contribuindo para suas lembranças particulares e na manutenção da memória do grupo, que depende desse processo para se manter ou passar por alterações, por exemplo, com novas formas de relação entre sociedades, que podem impor suas tradições aos povos subjugados. A memória é espaço de resistência para a permanência de saberes, fazeres e práticas, aceitas como pertencentes àquele determinado grupo e que remonta aos antepassados, que devem ser lembrados no presente.

Como a memória perpassa pela trajetória dos sujeitos, as transformações ocorridas nas sociedades provocam silenciamentos, esquecimentos, glorificação ou reestruturações do que deve e como ser lembrado, dentro do conceito que a memória é uma construção, sendo seletiva, tanto na esfera individual como coletiva. Por ser mutável, é difícil identificar “em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, precisamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali” (HALBWACHS, 1990, p. 84). A inserção do turismo é uma atividade, que pode contribuir de diferentes formas nas relações estabelecidas entre os sujeitos e suas memórias, dependendo das valorizações estipuladas para os atrativos, nesse processo de escolha do destino turístico que será ofertado aos visitantes, tanto na esfera material, como imaterial do patrimônio.

A extensão da memória é variável por ser fenômeno, que depende da existência dos grupos sociais, indivíduos e das mudanças geracionais, com a perda dos mais velhos contribuindo para este processo do lembrar e esquecer. As preocupações com a preservação do patrimônio cultural são tentativas de manter essas memórias e identidades para o conhecimento de gerações futuras ou de outras sociedades, não sendo necessariamente a cultura ou a história como realmente existiu, mas sim as interpretações do tempo presente em recuperar este passado. A categoria espaço e tempo é fundamental nesta questão, para contribuir na compreensão dos diferentes momentos históricos e das perspectivas utilizadas sobre o que deve ser lembrado e preservado.

Sobre a religião, Halbwachs (1990) defende a separação material do mundo sagrado e do profano, espacialmente, no momento em que as mudanças nas sociedades

promoveram a diminuição do poder religioso no cotidiano, restringindo os locais de culto e devoção. O autor trabalha com a perspectiva de uma memória religiosa, que seria a construção coletiva que identifica entre si os sujeitos, suas ações e comportamentos esperados perante este grupo. Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 1990, p. 154).

Os recortes espaciais e temporais dependem da construção social, aceita e defendida pelo coletivo, que passa a incorporar essas práticas ao cotidiano. Estas, por sua vez, podem sofrer alterações com as transformações culturais que podem ocorrer em gerações. A memória religiosa tem a peculiaridade de manter a noção de que essas mudanças não ocorreram, buscando lembrar lugares e rituais de origem da devoção e do culto. Para Halbwachs (1990), o pensamento coletivo dos sujeitos que possuem crenças na religião, independente da denominação, tem maiores possibilidades de durar e eternizar-se, devido a esta condição da memória, de promover a percepção de estabilidade do material e do subjetivo.

O turismo religioso é demarcado por múltiplas formas de ser planejado e gerenciado pela diversidade presente nas religiosidades no mundo, sendo o patrimônio material depositário da história e memória, que pode ser interpretada de formas diversificadas. Como uma produção humana, a religiosidade é parte da cultura, envolvendo os sujeitos com as manifestações do sagrado no cotidiano, marcado pelo profano, de diferentes maneiras. A busca por momentos de reflexão e devoção é forma de fuga da materialidade da vida, e pode acompanhar viagens de lazer ou descanso, envolvendo as subjetividades dos sujeitos. Os destinos que possuem atrativos religiosos, motivam, por diferentes razões, a visitação a seus espaços e a utilização dos bens e serviços disponíveis. Mesmo que a literatura aponte diferenças e aproximações entre os conceitos de peregrino e turista, ambos frequentam e usufruem do mesmo território religioso, gerando movimentação de sujeitos, encontro de culturas, efeitos econômicos, sociais e estabelecendo relações de poder em um movimento dialético.

3 METODOLOGIA

Este trabalho tem por característica ser uma pesquisa qualitativa, possibilitando abordar a “riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 303). Os dados foram coletados através da documentação indireta (pesquisa bibliográfica), como teses, dissertações e artigos científicos, referentes ao objeto de estudo, além da imprensa escrita.

Para o tratamento e análise dos dados, foi utilizada a exploração de conteúdo, que permite “compreender criticamente o sentido de uma comunicação, observando quer seu conteúdo manifesto, quer seu conteúdo latente, significações explícitas ou ocultas” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 308). Para Bardin, a análise de conteúdo busca obter “por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (2011, p. 47).

Os dados da pesquisa bibliográfica foram coletados nas bases de dados EBSCO Host, Scielo e Periódicos Capes e as fontes das informações foram selecionadas em publicações jornalísticas locais e regionais, sendo a principal o jornal semanal “O

Trentino”, que divulgou a proposta de modernização do interior da Igreja Matriz e possibilitou a discussão com os diferentes atores interessados na questão. Foram obtidas informações também em dois jornais de circulação estadual e em quatro, de circulação regional, embora estas fontes reproduzam, em linhas gerais, o que foi publicado na fonte principal deste trabalho. É importante ressaltar a escassez de publicações científicas que abordem o turismo, bem como da preservação e usos turísticos do patrimônio cultural no município.

A análise do jornal impresso local “O Trentino”, de circulação semanal, no período de agosto a setembro de 2016, permitiu a seleção dos dados para a pesquisa, utilizando as três fases da análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011), para o tratamento das informações e a produção dos resultados do trabalho. Ao buscar analisar o jornal como fonte, trabalha-se com as representações da comunidade, tanto de perspectivas positivas e negativas, expressas de diferentes maneiras, nas seções do jornal, além da visão de seus editores, analisando a forma como os discursos são construídos e constituídos em torno de um tema.

Para Leite, “por meio dos jornais, é possível identificar e compreender processos no interior das sociedades que dificilmente são encontrados de forma tão detalhada em outros tipos de fontes” (2015, p. 9), sendo possível estabelecer posições políticas, econômicas, práticas culturais e sociais, concepções ideológicas e morais, nos diferentes espaços que formam um jornal periódico. O jornal como fonte é um espaço social que apresenta as relações sociais dos sujeitos que, direta e indiretamente, estão presentes nas notícias e na sua produção (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2014). Importante ressaltar que, como qualquer outra fonte, o periódico não pode ser analisado como a verdade única, mas sim como representação social dos sujeitos de um determinado espaço, tempo e da realidade ao seu entorno, necessitando, assim, que o fato analisado esteja relacionado com a teoria, para sua efetiva utilização científica (SILVA; FRANCO, 2010). A opção pelo uso do jornal como fonte de pesquisa visa a contribuir com essa metodologia, utilizada nas ciências humanas, a partir da segunda metade do século XX (WEBER, 2012), para estudos na área do turismo e os impactos dessa atividade nas populações receptoras, tanto negativos, como positivos, e das potencialidades do turismo como parte do processo de conscientização e de preservação do patrimônio cultural.

A representação é compreendida na perspectiva de Chartier (2011), que define que este conceito contribuiu teoricamente para repensar o mundo social e as relações entre o sujeito ou o poder político com as representações mentais sobre os signos visíveis para o reconhecimento de um poder ou identidade, tanto no sentido de aceitação, como no de negação. Ou seja, traçam novas perspectivas para as formas de compreensão do social, a partir desta perspectiva teórica, repensando as relações estabelecidas do ser político e social, coletiva e individualmente na sociedade. Desta forma, não existe história possível que não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los e uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação (CHARTIER, 2011, p. 16).

A construção das identidades perpassa pelas representações constituídas em determinado momento histórico, nas relações de tensão pelos poderes estabelecidos institucionalmente e na consciência da comunidade em ter este pertencimento. Vida social ou religiosa, por exemplo, são representações dos sujeitos, mediadas pelas relações de

poder, com os signos e símbolos estabelecidos para este fim, e precisam ser interpretadas de forma crítica, para a compreensão do contexto histórico, envolvendo documento, narrativa e memórias.

A Igreja Matriz de Nova Trento/SC, objeto deste estudo, foi construída entre os anos de 1940 e 1942, no centro da cidade, mobilizando os moradores, que auxiliaram nos trabalhos, com doações de materiais e dinheiro, sendo dedicada a São Vigílio, rememorando as origens dos imigrantes, por ser este santo o padroeiro da região do Trentino Alto Àdige, no norte da atual Itália. As repercussões sobre o projeto de modernização, geradas neste processo, foram desencadeadas em 2016 e coletadas do meio jornalístico local e regional, propiciando compreender as diferentes visões dos envolvidos, tanto indivíduos, como coletivos. Metodologicamente, a análise de conteúdo foi utilizada para trabalhar com as fontes e a interface com o aporte bibliográfico na área de turismo religioso, patrimônio cultural e representação para a sistematização e as conclusões da pesquisa.

O delineamento deste artigo busca analisar as representações sobre turismo religioso e patrimônio cultural, produzidas com a proposta de modernização do interior da Igreja Matriz de Nova Trento/SC e como estes discursos, favoráveis e contrários, expressos pelos sujeitos envolvidos direta ou indiretamente no processo, contribuíram para o repensar das formas de valorização do patrimônio cultural e as potencialidades do turismo religioso, a partir dos elementos da cultura material, no caso específico do objeto de estudo, conforme contexto apresentado a seguir.

4 OBJETO DE ESTUDO

O município de Nova Trento – Santa Catarina, está localizado no Vale do Rio Tijucas, distante cerca de 80 quilômetros da capital do estado, Florianópolis, e conta com uma população estimada em 14.099 habitantes e área territorial de 402,891km² (IBGE, 2018), fazendo parte da região turística “Vale Europeu”, no mapa do turismo de Santa Catarina. Historicamente, sua ocupação deu-se por imigrantes europeus e iniciou em 1875, com a chegada de italianos, em grande número, além de contingentes, em menores proporções, de alemães, poloneses e austríacos, como parte do projeto de colonização das terras do sul do Brasil promovido pelo Império (GROSSELLI, 1987).

Um das principais características de ocupação das terras pelos imigrantes, nos primeiros anos, foi a presença da Igreja Católica, na figura dos padres da Companhia de Jesus (conhecidos por jesuítas), que, além de orientadores espirituais e muito respeitados, contribuíram para a organização política e econômica da colônia, em um contexto no qual a presença do Estado era quase inexistente, na maioria dos casos. Uma realidade que não foi exclusiva de Nova Trento, mas também presente nos núcleos coloniais formados no sul do Brasil, em meados do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, nos quais a religião foi um elemento fundamental de coesão e de manutenção da ordem.

O catolicismo foi mantido pelos imigrantes e descendentes, sendo presente materialmente no cotidiano da cidade e representado em mais de 30 edificações religiosas, como igrejas, capelas e oratórios, espalhados pela área central e interiores do município. As comunidades edificavam seus locais de oração, dependendo das condições financeiras, dedicando a um santo padroeiro, normalmente, para rememorar suas origens europeias, decorando seu interior com quadros, que eram trazidos em meio à bagagem, na travessia atlântica. No centro da cidade, além da Igreja Matriz dedicada a São Vigílio, foi erguido o Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, em uma montanha a 525 metros de altitude, no início do século XX, tornando-se um local de peregrinação, de pequenas proporções e

com movimento esporádico, se comparado a outros santuários católicos, como o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio - Farroupilha/RS (SCHNEIDER; SANTOS, 2015).

Deste modo, até a década de 1990, a cidade, emancipada politicamente em 1892, era conhecida em Santa Catarina pela produção de vinho, pela mão de obra dos pedreiros e por uma significativa formação de padres e freiras, fruto da religiosidade católica, que foi mantida com a chegada na América (CADORIN, 1992). O movimento de visitantes que chegava à cidade provinha de regiões vizinhas e não havia nenhum apelo de *marketing* para o turismo do destino, que, no período, não era visto como um potencial de renda e geração de empregos, já que se tratava de um município que tinha no setor primário suas principais fontes econômicas. O desenvolvimento do turismo religioso em maior escala, no município de Nova Trento, inicia a partir da beatificação de Santa Paulina, em 1991, e ganhou maior repercussão com a canonização, ocorrida em 2002. Santa Paulina, cujo nome civil era Amábilis Lúcia Visentainer, fez parte dessa leva de imigrantes da década de 1870 que fundou a cidade e contribuiu para a manutenção da devoção e das práticas religiosas da fé católica (MARQUES, 2000).

A canonização desta personagem gera um movimento de transformação espacial, social, econômico e cultural na cidade, com um potencial de desenvolvimento que poderia ocorrer com a exploração do turismo religioso. A partir de meados da década de 1990, poder público, iniciativa privada e instituições católicas passam a transformar as estruturas existentes e construir novas, a fim de possibilitar as condições para o recebimento de milhares de turistas por ano, devido ao impacto causado pela beatificação, que ocorreu na visita do Papa João Paulo II a Florianópolis (1991). Neste contexto, o bairro de Vígolo, no qual está localizado o Santuário de Santa Paulina, torna-se o centro do turismo religioso na cidade, por ter sido neste local que se iniciou o trabalho religioso de Santa Paulina e a fundação da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (BARBOSA, 2002).

Com a inserção do turismo como uma possibilidade econômica, Vígolo passa a ser palco de transformações para receber novos estabelecimentos ao redor da basílica, inaugurada em 2006, e de seu complexo. O centro da cidade e demais bairros não recebem esses investimentos, nem foram envolvidos diretamente, com o investimento de *marketing* direcionado para atrair o turismo para o Santuário de Santa Paulina, o que não ocorreu para a cidade e seus demais atrativos (ARDIGÓ; CAETANO; DAMO, 2016). Os moradores da cidade compreendem, assim, o turismo religioso como importante para a Congregação e para os que possuem seus estabelecimentos comerciais no Vígolo, que, na maioria dos casos, vendem mercadorias produzidas em outros lugares.

Desta forma, o desenvolvimento do turismo em Nova Trento é recente, do ponto de vista histórico, provocando mudanças muito rápidas, entre as décadas de 1990 e 2000, com os processos de beatificação e de canonização de Santa Paulina que consolidaram sua estrutura e organização a partir da década de 2010. A construção da Basílica, em 2006, é o marco principal deste destino turístico, que fica, no que se refere ao segmento religioso do Brasil, somente atrás do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no que faz referência ao número anual de visitantes.

O planejamento turístico, incipiente em um primeiro momento, foi sendo organizado, de acordo com a ampliação do número de visitantes, com o foco no Santuário e seu entorno, principalmente, focado nos possíveis benefícios imediatos que seriam atraídos para o local e compensariam os aspectos negativos, sendo este movimento conceituado como ufanista, um não planejamento, ou seja, “o principal problema do

planejamento é atrair o máximo de pessoas possível a um determinado local” (COOPER; HALL; TRIGO, 2011, p. 104)

Os elementos característicos da história e da cultura trentino-italianas eram e são presentes, mas o ufanismo do planejamento com o turismo religioso colocou em segundo plano esta questão na organização do turismo, sendo explorada em menor escala que em outros destinos, como ocorre em cidades do Rio Grande do Sul, como Antônio Prado e Bento Gonçalves (LAVANDOSKI; TONINI; BARRETTO, 2012). O turismo gera uma demanda de oferta de produtos e serviços e este aspecto é muito bem desenvolvido pela Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição que administra o Santuário. A reboque, os empresários e a administração municipal buscam formas de aproveitar este processo para o desenvolvimento local, que não conseguiu ter o mesmo sucesso que o trabalho empreendido em torno da imagem de Santa Paulina, segundo Silva (2004).

Com o artigo intitulado “A santa do turismo: o mercado da fé em Nova Trento – SC”, Ouriques (2006) tem por objetivo discutir o significado turístico da canonização de Santa Paulina, de forma crítica, considerando a fé religiosa como parte da apropriação de acumulação do capital de uma determinada forma, com a religiosidade sendo uma mercadoria turística. O autor aponta que o turismo religioso que surge na cidade, neste contexto, passa a perder seu caráter de peregrinação e assume o sentido de ser um espetáculo, como consumo. Para o autor, não haveria “como não perceber na efervescência social e econômica, (ainda que incipiente) que começa a tomar conta de Nova Trento e municípios vizinhos, fortes indícios do surgimento da progressiva mercantilização da fé, aos moldes já existentes em outros lugares” (OURIQUES, 2006, p. 88), citando o caso da cidade de Aparecida, em São Paulo, utilizada como parâmetro para as políticas de desenvolvimento no turismo religioso.

Em uma cidade, na qual a atividade turística passou a ocorrer sem um planejamento adequado, a comunidade local não foi inserida como parte do processo, mas sim acompanhou as transformações como “estrangeiros”, ou seja, a vinculação entre a identidade local e o turismo religioso não aconteceu. Ao centrar a atenção dos visitantes no Santuário de Santa Paulina, não ocorreu o desenvolvimento dos demais atrativos em mesma escala, sendo que a concepção de turismo para os autóctones se tornou “Santa Paulina, somente”, ou melhor, “Madre Paulina”, conforme ainda é a referência para a população local.

Este breve histórico das bases do turismo religioso em Nova Trento apresenta indicações, que demonstram como a fase do ufanismo seguiu para um planejamento com abordagem econômica, segundo a tendência dominante, com a crescente consolidação do papel do Santuário como destino turístico para os excursionistas, visitantes ou turistas (COOPER; HALL; TRIGO, 2011). Este processo realizado pela Congregação, que administra o espaço, juntamente com os poderes público local, estadual e a iniciativa privada, buscou apropriar-se economicamente das ações desencadeadas pelo referido processo. Santa Paulina é apresentada como um destino e a cidade onde o Santuário está inserido não faz parte das estratégias para o turismo, de forma direta, gerando descompasso entre os moradores e o turismo, com diferentes formas de interpretação dessa atividade, de acordo com a produção científica pesquisada.

Diante deste contexto, a Igreja Matriz de São Vigílio é a principal referência religiosa e histórica para a população local católica e não somente por estar localizada na área central da cidade, mas por ser elo de identificação cultural com o passado da imigração, como ocorre com as demais edificações religiosas existentes. Como o *marketing* turístico é centrado no Santuário Santa Paulina, não existe um planejamento

que contemple os demais atrativos religiosos, sendo a visita à Igreja Matriz realizada por poucos dos turistas que chegam à cidade.

A igreja foi construída entre os anos de 1940 e 1942, no local onde existia, desde 1885, uma igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, patrono dos jesuítas. Ainda no centro da cidade, na praça Galileu Galilei (o nome foi modificado para praça Getúlio Vargas no período do Estado Novo/1937-1945 e das perseguições aos estrangeiros) havia outra igreja, dedicada à São Virgílio, inaugurada em 1929, no qual a população neotrentina (nome gentílico) reforçava sua devoção e ligação com a identidade italiana (CADORIN, 1992). Ou seja, havia duas igrejas, uma com influência dos jesuítas e outra, com o padroeiro ligado às origens europeias dos imigrantes, com uma relação tênue de conflito entre os interesses devocionais.

Havia, assim, uma tensão existente entre segmentos da população e os jesuítas, visto que o conflito sobre quem seria o padroeiro da nova e única igreja no centro da cidade, somente foi resolvido com a intervenção do Bispo da Diocese da época, que decidiu, em favor da comunidade, que seria São Virgílio. A estátua do Sagrado Coração foi entronada em frente à nova matriz, em um pedestal, mas foi destruída por um raio (a data desse evento não foi possível precisar). Segundo a tradição oral, muitas pessoas levaram para casa pedaços da estátua, como relíquia e o fenômeno foi considerado uma intervenção divina para, assim, apaziguar os ânimos. O fato é lembrado ainda hoje pela memória coletiva local, como um episódio que demarca a contestação aos representantes da Igreja Católica e a negação da passividade religiosa que existiria, com reações aos poderes eclesiásticos nas questões que impactam a identidade e a memória da comunidade.

A igreja tem características românicas, com sua planta em forma de cruz latina e duas torres, com um sino e relógio, instalados na década de 1960. O piso é coberto com ladrilho hidráulico, revestimento produzido com cimento e com desenhos derivados dos mosaicos, sendo um dos primeiros produtos padronizados para a construção civil no século XX, no Brasil (CORTES, 2015). A nave central possui duas fileiras de colunas, nas quais estão colocadas estátuas de santos: o lado esquerdo contém figuras femininas e o direito, masculinas, o que definiu, durante décadas, os lugares de homens e mulheres ao entrarem na igreja. A comunidade envolveu-se nessa obra, tanto através de doações financeiras e de materiais de construção, como também auxiliando na mão de obra, executada por mestres-pedreiros da própria cidade, buscando aproximar a edificação das tradições arquitetônicas europeias.

A proposição da modernização deste espaço, descaracterizando seus traços originais, como será apresentado a seguir, mobilizou diferentes setores da sociedade, para impedir que o projeto fosse levado adiante pelos idealizadores do empreendimento. A ausência de uma política pública para a preservação do patrimônio cultural da cidade pode ser considerada um fator que contribuiu para o surgimento desta proposta, com repercussão significativa. As alterações arquitetônicas realizadas em outras edificações religiosas não alcançaram a mesma comoção, sendo que muitas tiveram seus pisos internos trocados e portas de madeira substituídas por vidro, sem contar a demolição de imóveis na área central da cidade nas décadas de 1980 e 1990, que, hoje, conta com escassos exemplares ainda preservados. O turismo religioso – centrado na personagem Santa Paulina e no Santuário – não possibilitou que outros aspectos ganhassem repercussão e planejamentos para o recebimento do turista e a valorização do patrimônio cultural, tanto para a identidade do morador local, como para a visita e interpretação dos visitantes. A mobilização em torno da questão da reforma da Igreja Matriz demonstra as representações sociais, que estavam silenciadas e ganharam força na organização do

coletivo, sendo o turismo religioso como uma das principais argumentações sobre o potencial que a preservação pode trazer à comunidade, devido ao fluxo de visitantes, turistas e peregrinos à cidade.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados proporcionaram a identificação dos sujeitos envolvidos na polêmica acerca da proposta de modernização da Igreja Matriz de Nova Trento e as formas como os discursos produzidos geraram relações de poder, neste contexto. Identificaram-se dois grupos envolvidos nesta problemática: os proponentes do projeto de reforma (como foi nomeado) sendo o pároco e o Conselho das Pastorais da Paróquia (CPP) São Vigílio, interessados em modificar o interior da Matriz com a retirada de elementos históricos, substituindo-os por outros, considerados mais modernos; e um grupo formado por historiadores, jornalistas, professores, linguistas, arquitetos, advogados e demais moradores da cidade, além de sujeitos de outras cidades e países, preocupados com a preservação do patrimônio, da memória e da importância cultural da construção para a comunidade local e seu potencial para o turismo religioso.

Devido à repercussão do caso, ocorreu a criação de uma página online, em rede social, intitulada “Piso Histórico”, que contou com a participação de mais de 2.000 usuários. A Prefeitura Municipal e a Arquidiocese de Florianópolis se manifestaram somente após serem questionadas sobre a legalidade e relevância do projeto. Esta situação surgiu quando foi apresentado o projeto de reforma para o pároco e CPP (que haviam feito esta solicitação), realizado por uma arquiteta, sem nenhuma consulta anterior à comunidade, o que foi um dos motivos das reações contrárias, com a articulação dos sujeitos insatisfeitos com este processo e com as mudanças, que descaracterizariam o interior da igreja matriz, referência religiosa e identitária da população local.

Conforme as informações das fontes consultadas, o projeto de reforma contemplava: substituição do ladrilho hidráulico por porcelanato, mudanças na localização dos três altares (entalhados em madeira), pintura, readequação de portas e paredes do altar central, retirada das estátuas existentes ao longo das colunas da nave central com a substituição por papiros com as informações sobre os santos, troca da iluminação com a colocação de lustres e a substituição dos bancos para os fiéis, com a proposta de bancos estofados no lugar dos atuais de madeira. A troca do ladrilho hidráulico, que aparece sendo contestada com maior frequência nas publicações. O piso seria substituído por porcelanato, que já havia sido doado por uma empresa de cerâmica, sediada em Tijucas/SC (cidade distante a 53km de Nova Trento) e foram entregues à Paróquia, antes mesmo da questão tornar-se pública.

A frequência identificada com a análise de conteúdo apontou que as manifestações contrárias ao projeto foram muito maiores do que as favoráveis, demonstrando a identificação da população local com a construção, mobilizando o Escritório de Imigração da Província de Trento (Itália) que, além de expressar oficialmente ser desfavorável às modificações, fez informe ao Bispo de Trento e a Associação *Trentini Nel Mondo* (associação que promove e gerencia atividades de apoio dos imigrantes, descendentes e residentes trentinos no exterior). As relações estabelecidas e fortalecidas em 1975, entre Nova Trento e a Itália, em função da comemoração do centenário da imigração, explicam a manifestação enfática deste órgão, principalmente, por se tratar de patrimônio cultural, que é um dos focos de integração no intercâmbio gerado neste contexto (CADORIN, 2003). A presença de neotrentinos, que realizam estudos acadêmicos ou fixaram

residência no Trentino, contribuiu para essa comoção internacional, sendo os estrangeiros mobilizados pela noção de pertencimento ao passado e sua história.

Como principais categorias desenvolvidas na análise de conteúdo das fontes foram definidas: o valor histórico e cultural da Igreja Matriz e a sua importância para o turismo religioso. Como subcategorias recorrentes nos discursos produzidos dos sujeitos contrários ao projeto, destacam-se o valor histórico, cultural, identitário e o fato de a cidade ser um expoente do turismo religioso, reconhecido nacionalmente. São mobilizados os sentidos de pertencimento para a comunidade, ao ser lembrado o processo histórico de construção da igreja, evidenciando os nomes dos pedreiros envolvidos e o esforço da população local na época. A valorização das famílias é uma tradição muito presente e, ao nomeá-las no envolvimento da construção, o sentimento de pertencimento àquela obra é reforçado, com manifestações de pessoas, que, mesmo não morando mais na cidade, expressam a importância que a família teve para a história da comunidade.

Reconhecer a importância do turismo religioso para Nova Trento, bem como a própria matriz como um atrativo, possibilitou questionar a visão existente, até então, do turismo como algo que somente é presente no Santuário Santa Paulina. Ao ser utilizado este argumento para evitar a descaracterização do interior da igreja, são lembradas as capelas, oratórios e capitéis existentes, sendo que muitos já sofreram intervenções, com perda de sua originalidade, além de túmulos depredados nos cemitérios, ao longo dos anos. A possibilidade de o turismo ser uma alternativa para conscientização da importância da história e da memória coletiva e contribuir para a preservação patrimonial tem aceitação nos discursos e representações sobre este processo, embora sem nenhuma ação prática efetiva.

Frente ao debate gerado no cotidiano da cidade, pelo meio jornalístico e por redes sociais, houve a proposta de realização de audiência pública, por parte da administração da Paróquia, em um domingo após a missa da noite. No entanto, esta reunião que foi cancelada na véspera, sem a possibilidade de conhecimento efetivo do projeto. Os opositores à reforma organizaram uma proposta de restauração do ladrilho hidráulico, que seria apresentada nesta oportunidade, além da busca pela sensibilização da comunidade, no que se refere à importância arquitetônica e histórica da igreja matriz e das demais construções religiosas e civis existentes, sua preservação como memória do passado e da identidade, e seu potencial turístico. Uma identidade social foi reconhecida e construída nesta dicotomia entre a preservação e a proposta de modernização, através dos signos e representações da memória sobre a história e o patrimônio, com uma instância coletiva que tornou visível a força de uma identidade e das relações de poder frente as instituições (CHARTIER, 2011).

Como a audiência não ocorreu, o grupo contrário ao projeto buscou a legalidade da modificação do patrimônio, questionando a administração pública municipal, que respondeu, apresentando as deliberações da lei de zoneamento (ano de 2000), que descreve as edificações a serem preservadas e restauradas, sendo a igreja matriz considerada imóvel de valor excepcional. Com estas informações foi encaminhada denúncia ao Ministério Público de Santa Catarina e à Fundação Catarinense de Cultura, para instauração de inquérito sobre o projeto.

Embora a legislação municipal tenha impedido a modificação da igreja, a determinação para suspensão do projeto veio da Arquidiocese de Florianópolis, que utilizou o argumento da repercussão negativa do projeto. Em contrapartida, conforme as fontes consultadas, em nenhum momento, a Paróquia se pronuncia de forma oficial confirmando a interrupção da proposta. Também não houve retorno aos contatos por parte

dos editores do jornal “O Trentino” para que apresentassem suas considerações. O último movimento desta questão, identificada nas fontes, foi a reunião entre o Procurador da Prefeitura Municipal e o pároco, na qual foi informada a legislação e as medidas cabíveis caso alguma obra ocorra na igreja, sem autorização.

O projeto de reforma do interior da igreja matriz ressalta, como ocorreu na década de 1940 – com a definição do padroeiro –, o conflito presente entre a comunidade e a autoridade religiosa, ocorrendo, novamente, a intervenção da Arquidiocese que definiu o fim da questão. A religiosidade católica ainda é majoritária em Nova Trento, mas, de certa forma, pode-se perceber que a relação de poder e respeito estabelecida entre jesuítas e neotrentinos é presente, mas não é hegemônica, ao se tratar de elementos que envolvem a identidade histórico-cultural. Neste processo, a aproximação com a Itália, na década de 1970, os projetos e intercâmbios estabelecidos reforçaram a noção de pertencimento cultural trentino-italiana na população local, sendo um elemento presente nos discursos contrários à reforma. Ao relembrar a história da construção, com todas as dificuldades, enaltecer a importância das famílias e evitar seu esquecimento, foram mobilizados os sentimentos constituídos ao longo das gerações de descendentes de imigrantes, para valorização da trajetória de conquistas e realizações dos antepassados.

Embora sem medidas concretas, o desenvolvimento do turismo religioso em atrativos, além do Santuário de Santa Paulina, surgiu como uma possibilidade, levantando questionamentos e propostas, como a realização de inventário detalhado das construções edificadas com suas características, para evitar alterações sem o devido restauro. A preocupação em realizar o tombamento dessas edificações também é presente, pois, embora exista a legislação do zoneamento, utilizada como argumento legal para evitar a reforma, somente dez construções estão nomeadas, sendo que uma dessas foi demolida durante o processo de redação da lei. A demolição de imóveis antigos para dar espaço a construções modernas e atender às necessidades de ocupação, especialmente na área central, ocorreu nas décadas de 1980 e 1990, no momento em que a discussão sobre a importância da preservação não era algo presente na comunidade, que, no entanto, existia a perspectiva de ter acesso aos benefícios das inovações técnicas e tecnológicas.

Nas áreas interioranas do município, são escassas as edificações com mais de 50 anos, excetuando as capelas ou oratórios, mantidos pela comunidade, embora muitas capelas tiveram pisos substituídos por porcelanato e portas de madeira, por vidro, por exemplo. A ausência de uma política pública sobre a preservação dessas construções, bem como a dificuldade financeira para manutenção e conservação, principalmente no interior do município, devido à redução populacional gerada pelas pressões econômicas, ocasiona reformas, mais rápidas e com menor custo financeiro ao da restauração e que modificam a originalidade do patrimônio.

Além disso, a materialidade presente nas construções, as manifestações da cultura em suas diferentes práticas e simbologias são elementos retomados com os discursos gerados contra a proposição da reforma. Ao serem lembradas situações de períodos anteriores, como o caso da estátua destruída pelo raio, percebe-se os impactos da memória na população local, sendo poucos os sujeitos que vivenciaram aquela experiência que ainda estão vivos, mas permanece nas recordações das gerações mais jovens. Os referidos elementos podem ser valorizados para compor a estruturação de atrativos, que possam envolver o visitante, tanto na dimensão material (edificações e suas características) e o imaterial (com a carga simbólica e de memória da população).

Com as repercussões geradas com a proposta de reforma, foi possível perceber como os discursos favoráveis a estas alterações foram silenciados, frente à organização e reação da sociedade em geral, por diferentes motivações, mas, principalmente, a

preocupação na preservação da história e da potencialidade para o turismo religioso. O debate gerado em torno da necessidade de modernizar o interior da igreja, definida como uma “tumba do passado”, ou seja, escura e antiquada para os dias atuais, segundo os defensores dessa reforma, possibilitou a produção de significados sobre o papel da comunidade, a importância da preservação e valor para o turismo religioso e/ou cultural e suas potencialidades. Embora seja uma das características da população local, a religiosidade, a proporção que a imagem de Santa Paulina ganhou para o turismo religioso nacional, não foi revertida para a constituição de outros atrativos e a possibilidade de perda da memória e identidade da comunidade com a reforma da Matriz mobilizou as representações dos sujeitos sobre seu passado e a importância de marcos referenciais para as lembranças.

As representações sobre patrimônio, turismo, história e memória são as mais presentes nas fontes pesquisadas, buscando traçar um elo de união entre estas dimensões, como forma de garantir a preservação do patrimônio material das intervenções arquitetônicas, gerando um sentimento de comoção e identidade coletiva em prol desta questão. A coletividade constituída em benefício à preservação produziu um discurso que trabalhava com estas concepções a todo momento, demarcando o seu local de produção sobre os significados que o projeto de reforma traria, sendo negativo para a comunidade, num contexto geral. A negação da intervenção por motivos estéticos, como a melhoria da iluminação e do conforto, foi contrabalançada com a proposta de restauro, que não foi avaliada pela Paróquia, demonstrando as dificuldades de diálogo entre os envolvidos e gerando indagações sobre o caráter não participativo da comunidade em geral nesse projeto. A desvinculação com a religiosidade é outro atributo observado, sendo somente a instituição Igreja Católica, em diferentes instâncias, a envolvida nas discussões e cobranças, pelo próprio pertencimento e vínculo pessoal com o objeto em demanda. A busca de apoio com sujeitos e instituições internacionais italianas também demarca uma percepção sobre a importância social sob o olhar estrangeiro, em uma articulação de diferentes discursos em meio à comunidade envolvida.

O impacto gerado através da mídia, com a exposição das resistências à reforma da edificação não impacta no turismo religioso, de acordo com as fontes consultadas, mas sim na forma como os sujeitos e instituições mediarão suas relações de forças frente à possível descaracterização da referência central, religiosa e identitária da comunidade. O turismo é representado como uma possibilidade para mobilizar a comunidade local na preservação e valorização do patrimônio cultural, aproveitando, conforme as narrativas das fontes, o movimento proporcionado na cidade pela visita ao Santuário de Santa Paulina.

Neste contexto, a mentalidade coletiva foi reforçada de resistência, articulando novas relações de poder entre os segmentos envolvidos na questão e estabelecendo relações entre o passado e presente para a preservação do patrimônio cultural, como parte da história da comunidade e possibilidade para o desenvolvimento do turismo religioso, com outros atrativos, além do Santuário Santa Paulina, agregando valores à atividade turística em geral para a comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização gerada em torno da proposta de modernização do interior da igreja matriz de Nova Trento demarca como os processos sociais e as representações sobre a memória, a história e a identidade são constituídos, gerando diferentes significados nos sujeitos envolvidos. As repercussões do projeto, tendo como fonte jornais impressos,

possibilita identificar as motivações individuais e coletivas referentes às concepções de turismo religioso e patrimônio cultural, bem como propicia visualizar uma discussão desses temas que não havia sido realizada anteriormente na busca em fontes de anos anteriores. Tais motivações dos sujeitos são derivadas do pertencimento familiar com a comunidade, do envolvimento com as atividades religiosas na Matriz, da participação de antepassados no processo da construção e manutenção da edificação, da preocupação com a preservação da memória e história, devido à formação profissional e as concepções de participação social e cultural no cotidiano da comunidade. Os discursos possuem, nestas motivações, os principais atributos para justificar a reação contrária à proposta de descaracterização de um dos poucos exemplares de edificação, com mais de 60 anos, que existem na cidade e guarda memórias, não somente religiosas, mas também pessoais e arquitetônicas dos modos de fazer da construção civil dos mestres pedreiros neotrentinos.

Ao mesmo tempo, ocorre o esvaziamento desta discussão com a suspensão da reforma, seja na mídia impressa e nas redes sociais, embora está última não tenha sido objeto de análise. A mobilização social atingiu seu objetivo de impedir as obras, iniciou um debate, mas não teve o prosseguimento, no que seriam as ações concretas para uma política de preservação patrimonial efetiva no município e a proposta de um planejamento de turismo religioso que agregasse novos atrativos, além do Santuário de Santa Paulina, que é o grande motivador de viagens para a cidade, com cerca de 70.000 visitantes por mês, segundo estimativas. Uma ausência nos discursos, neste caso, é do poder público municipal, na figura da Secretaria de Cultura e Turismo, que, em nenhum momento, manifestou-se sobre a discussão ou seus impactos, sendo possível questionar quais os motivos para este silenciamento. A própria indisposição do pároco ou da CPP em pronunciarem-se ou abrir o espaço para discussão do projeto, abre um leque de interrogações das origens e dos motivos para a reforma. Na análise dos dados, a dificuldade de comunicação com a parte interessada na reforma é identificada, sendo o retorno às indagações realizadas somente feito pelos editores do jornal, na maioria dos casos. As instituições mantiveram o diálogo dentro das perspectivas legais, sem posicionamentos e embates públicos, buscando mediar, dentro do possível estratégias para solução adequada da demanda. Neste sentido, fica latente a representação dos sujeitos sobre a importância do patrimônio e do turismo da cidade nas propostas e narrativas nas fontes, e a ausência das instituições em buscar traçar estratégias, a partir desses elementos. A insatisfação social frente à proposta de reforma não mobilizou os agentes públicos em avançar na proposição de políticas públicas que contribuíssem na articulação do patrimônio, identidade e turismo.

A identidade cultural está em constante transformação, ao mesmo tempo em que as memórias e significações que a sustentam têm fortes vinculações, fazendo com que determinados contextos provoquem a defesa desta identificação, por causa dos elos emocional e histórico. Além da materialidade da edificação, também foi considerada a história da comunidade, demarcada no processo de construção nos anos 1940 e o embate com os religiosos da época, evocando, assim, a memória de um passado, que, embora distante, mantém-se presente nas lembranças. A relação de poder entre os fiéis e seus líderes espirituais não pode ser compreendida como uma obediência cega, mas sim demarcada por resistências constituídas nas mentalidades individuais e coletiva, na correlação de forças, que definem que representações sociais são predominantes em determinando espaço e tempo. Por ser um processo dinâmico, mudanças, nestas perspectivas, são passíveis frente ao contexto que as relações de poder ocorrem e o turismo pode ser uma dimensão que contribui com novas formas de compreender o mundo social no destino.

O patrimônio cultural apresenta diferentes significados para a população local e visitantes, que têm a possibilidade de uma nova experiência para sua viagem. A forma como estes elementos e suas simbologias são apresentados ao turista é o diferencial para que um destino atenda às expectativas, necessidades e seja atrativo. No caso em estudo, a interpretação da cultura e da história local, a partir de um planejamento adequado e estruturado envolvendo seus diferentes agentes e a comunidade pode contribuir para romper com a centralização do turismo religioso no Santuário de Santa Paulina que, a longo prazo, tem possibilidade de sofrer uma redução de demanda ou saturação.

A valorização do patrimônio cultural possibilita ao turista/visitante encontrar elementos únicos, passíveis de consumo em outros espaços, no quadro de crescente massificação e globalização de produtos e serviços atualmente vivenciados. A noção de pertencimento por parte da população e identificação com estes elementos é um fator que agrega um potencial para ações voltadas à educação patrimonial e ao turismo, envolvendo a religiosidade e o secular em conjunto para o desenvolvimento turístico com outras perspectivas.

As pesquisas em turismo apontam a importância do patrimônio cultural no desenvolvimento de atrativos para os turistas, que não necessariamente são fiéis ou devotos de uma religião, beneficiando a comunidade local e constituindo um elemento importante para políticas de preservação. A relação do patrimônio cultural com o turismo religioso apreende subjetividades deste segmento turístico, vinculando diferentes sentidos e sentimentos entre passado e presente, material e imaterial, sagrado e profano. Os destinos e os atrativos do turismo religioso, por sua vez, devem levar em conta estas subjetividades, que mobilizam os sujeitos a suas escolhas de viagem ou visitação, atendendo às diferentes expectativas geradas neste processo.

Como esta pesquisa teve como objeto uma edificação e suas relações no contexto patrimonial, apresentam-se diferentes possibilidades de estudos acerca do patrimônio cultural na cidade, uma vez que, além das dezenas de capelas, oratórios e grutas católicas, existem edificações luteranas e as residências particulares, embora cada vez mais raras, bem como um repertório cultural imaterial étnico que ainda foi pouco pesquisado, especialmente na área do turismo. Uma das limitações na elaboração deste artigo deve-se à dificuldade na literatura científica específica sobre a cidade de Nova Trento, sendo necessário recorrer a fontes primárias ou trabalhos produzidos nos anos 1990, principalmente. As pesquisas com enfoque no turismo são possibilidades para ampliar as discussões, que podem maximizar o desenvolvimento do turismo de forma planejada, contribuindo para o crescimento econômico da cidade, bem como para ser um incentivo às políticas de preservação do patrimônio cultural existente.

O potencial do turismo em Nova Trento está além de Santa Paulina, e pode aproveitar a marca já existente para ampliar as oportunidades do desenvolvimento turístico. Além de gerar uma nova fonte de renda, contribuirá para práticas de preservação e valorização da cultura local, sendo a identidade algo único e singular, que atrai os sentidos e o interesse de quem procura o diferente e novas experiências em seus passeios ou viagens, podendo também mudar a percepção dos moradores locais acerca das potencialidades da cidade, como um destino turístico. As mudanças nas mentalidades dos moradores sobre o turismo e sua importância, não somente econômica, pode ser um elemento fundamental para o planejamento turístico que envolva os diferentes sujeitos e contribua para o desenvolvimento da comunidade. Trata-se de uma discussão que necessita de maior aprofundamento, tanto no campo político, como no social e que futuras pesquisas sobre o turismo na cidade, turismo religioso e turismo na região podem contribuir, de maneira significativa.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. C. Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares. **Horizonte**, v.16, n.49, p.66-87, jan./abr. 2018.

ARAGÃO, I. R. Turismo Cultural - Religioso, Festa Católica e Patrimônio em São Cristóvão -Sergipe - Brasil. **Pasos**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v.12, n.1, p.145-158, 2014.

ARAGÃO, I. R.; MACEDO, J. R. de. Barroco, festa e turismo: rememorando os últimos passos de Jesus na cidade de São Cristóvão-Sergipe-Brasil. **Tourism & Management Studies**, v.1, p.383-395, 2011.

ARDIGÓ, C. M; CAETANO, L; DAMO, L. P. O turismo religioso e o processo de comunicação de marketing: um estudo do Santuário de Santa Paulina em Nova Trento – SC. **Turismo - Visão e Ação**, v.18, n.2, p.353-377, 2016.

BAR, D; COHEN-HATTAB, K. A new kind of pilgrimage: the modern tourist pilgrim of nineteenth century and early twentieth century Palestine. **Middle Eastern Studies**, v.39, n.2, p.131-148, 2003.

BARBOSA, F. D. **Madre Paulina, a Coloninha**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETH, A. V. C; TRELLES, A. Q. La procesión marítima de la Virgen del Mar como potencial turístico del barrio La Carioca del Cantón la Libertad. **TURyDES**, v.8, n.18, p.1-12, 2015.

BRIN, E. Politically-oriented tourism in Jerusalem. **Tourist Studies**, v.6, n.3, p.215-243, 2006.

CADORIN, J. **Nova Trento outra vez...** Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

_____. **Gente in mutamento**. O processo de produção identitária em Nova Trento: 1875-2003. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003.

CARVALHO, R. C. O; VIANA, M. S. Somos o que consumimos: aspectos identitários e turismo contemporâneo. **Turismo - Visão e Ação**, v.16, n.3, p.690-709, 2014.

CASTILLO, W. R. P; VARGAS, C. H. ¿Movidos por la fe o la cultura? Apuntes metodológicos sobre el perfil y motivaciones del turista en Cartagena. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v.7, n.2, p.140-155, 2017.

CHAND, M. A cross-national study of motivational determinants among non-resident indian visitors to religious centers in India. **International Journal of Hospitality & Tourism Administration**, v.11, p.22-38, 2010.

CHARTIER, R. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, v.13, n.24, p.15-29, 2011.

COLLINS-KREINER, N. Researching pilgrimage. **Annals of Tourism Research**, v.37, n.2, p.440-456, 2010.

COOPER, C; HALL, C. M; TRIGO, L. G. G. **Turismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro, Elsever, 2011.

CORTES, M. D. F. **Valorização e identificação de padronagens de ladrilhos hidráulicos de 1920 a 1940, período Art Déco brasileiro, presentes em prédios e casas do Centro Histórico de Santa Maria/RS**. 2015. 153f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

DIAS-SARDINHA, I; ROSS, D; LOUREIRO, S. M. C. Valorização de arqueologia de salvamento na maior barragem da Europa - Alqueva: Produtos *ex-situ* enquanto elementos de turismo criativo. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.12, n.3, p.623-634, 2014.

DOOLIN, B; BURGESS, L; COOPER, J. Evaluating the use of the Web for Tourism Marketing: A case study from New Zealand, **Tourism Management**, n.23, vol.5, p.557-561, 2002.

ESTEBAN, N. R. R. ¿Es la gestión turística importante para el patrimonio religioso de la ciudad de Bogotá? **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.15, n.1, p.87-103, 2017.

FIGUEIREDO, M. D. Los efectos de la salvaguardia en las formas de organizar, producir y reproducir el patrimonio cultural inmaterial. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.13, n.5, p.1037-1046, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRANKLIN, A. Tourism as an ordering. Towards a new ontology of tourism, **Tourist Studies**, v.4, n.3, p. 277-301, 2004.

GOMES, A. C. ORTE2013 inmaterialidad desafiante: esquema de un modelo de valoración del patrimonio invisible (y visible). **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.14, n.1, p.59-73, 2016.

GONZALO, M. C. P. Turismo cultural, turismo religioso y peregrinaciones em Navarra. Las Javieradas como caso de estúdio. **Cuadernos de Turismo**, v.18, p.103-134, 2006.

GROSSELLI, R. M. **Vencer ou Morrer**. Camponeses trentinos (vênets e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, C. M. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, C; CUSTÓDIO, M. J. Turismo e gastronomia: a valorização do património gastronómico na região do Algarve. **Tourism & Management Studies**, v.6, p. 69-81, 2010.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLST, T. Touring the demolished slum? Slum tourism in the face of Delhi's gentrification. **Tourism Review International**, v.18, n.4, p.283-294, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE @Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-trento/panorama>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

JUNCÀ, E. N. Los paisajes postmodernos y el turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v.1, n.2, p.83-92, 2011.

KAMENIDOU, I; VOUROU, R. Motivation factors for visiting religious sites: The case of Lesbos Island. **European Journal of Tourism Research**, v.9, p.78-91, 2015.

LAVANDOSKI, J; TONINI, H; BARRETTO, M. Uva, vinho e identidade cultural na Serra Gaúcha (RS, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v.6, n.2, p.216-232, 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. 6 ed. Campinas: Unicamp, 2012.

LEITE, C. H. F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v.7, n.1, p.3-17, 2015.

LIMA, R. S; CARDINALE, M. L. B. Cartografia de saberes: novas reflexões sobre os caminhos metodológicos do turismo no Círio de Nazaré. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v.7, n.2, p.175-201, mai. 2017.

LIMA, L. M. G; VON SIMSON, O. R.M. Turismo e Idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural. **Turismo em Análise**, v.21, n.3, p. 517-538, 2010.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, A. M. **Nova Trento in canto de fé**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

MARTÍN, J. M. S; GALLEGO, J. I. R. Atractivos naturales y culturales vs desarrollo turístico en la raya Luso-Extremeña. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.14, n.4, p.907-928, 2016.

MARUJO, M. N; CARVALHO, P. Turismo, planejamento e desenvolvimento sustentável, **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v.3, n.2, p.147-161, out. 2010.

MARUJO, N. The academic study of cultural tourism. **TURyDES**, v.8, n.18, p.1-18, 2015.

NILSSON, J. H *et al.* Theres. 'Cittaslow' eco-gastronomic heritage as a tool for destination development. **Current Issues in Tourism**, v.14, n.4, p.373-386, 2011.

NYAUPANE, G. P; ANDERECK, K. L. Visitors to cultural heritage attractions: an activity-based integrated typology. **Tourism Culture & Communication**, v.14, n.1, p.17-26, 2014.

OURIQUES, H. R. A santa do turismo: o mercado da fé em Nova Trento – SC. **Textos de Economia**, v.9, n.2, p.80-92, jul./dez. 2006.

PALMER, C. T; BEGLEY, R. O; COE, K. In defence of differentiating pilgrimage from tourism. **International Journal Tourism Anthropology**, v.2, n.1, p.71-85, 2012.

PEREIRA, R. M. F. A; CHRISTOFFOLI, A. R. A evolução dos santuários católicos brasileiros: os casos de Aparecida-SP, Iguape-SP e Nova Trento-SC e a caracterização dos seus visitantes. **CULTUR**. Revista de Cultura e Turismo, v.07, n.02, p.87-110, 2013.

PERILLA, S. M. T; PERILLA, N. T. Turismo religioso: fenómeno social y económico. **Anuario Turismo y Sociedad**, n.XIV, p.237-249, 2013.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PRAZERES, J; CARVALHO, A. Turismo Religioso: Fátima no Contexto dos Santuários Marianos Europeus. **Pasos**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v.13, n.5, p 1145-1170, 2015.

RIBEIRO, B. DE O. L; SILVA, E. F; SILVA, M. A. A. Jornal como fonte: uma das pontas do *iceberg* nas narrativas em história da educação. **Cadernos de História da Educação**, v.13, n.1, p.219-231, 2014.

ROCHA, T. V. C; BELCHIOR, M. H. C. S. A Intersecção entre Peregrino e Turista Religioso: os diferentes caminhos ao sagrado. **Turismo em Análise**, v.27, n.2, p.274-298, ago. 2016.

SÁNCHEZ, J. P. J; VALVERDE, B. R; VARGAS, J. A. M. ¿Las peregrinaciones rurales impulsan el desarrollo local? Análisis en San Miguel del Milagro, Tlaxcala, México. **El periplo sustentable**, n.33, p.428-451, 2017.

SCHNEIDER, M; SANTOS, M. M. C. A hospitalidade sob a ótica do romeiro na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio - Farroupilha/RS e seu corolário

no conceito de turismo religioso. **Turismo: Visão e Ação**, v.17, n.2, p.323-353, mai. 2015.

SERRALLONGA, S. A; HAKOBYAN, K. Turismo religioso y espacios sagrados: una propuesta para los santuarios de Catalunya. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v.1, n.1, p.63-82, 2011.

SHINDE, K. A. Placing communitas: Spatiality and ritual performances in Indian religious tourism. **Tourism** 59, v.3, p.335-352, 2011.

SILVA, G. B; MARQUES JUNIOR, S. Fatores que afetam o apoio dos residentes para o desenvolvimento do turismo religioso: o caso de Santa Cruz (RN), Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v.10, n.3, p.497-515, set./dez. 2016.

SILVA, M. P; FRANCO, G. Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, v.4, n.8, p.01-09, 2010.

SILVA, R. **O turismo religioso e as transformações sócio-culturais, econômicas e ambientais em Nova Trento – SC**. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.

TORRES, V. M. M; BARQUÍN, R. DEL C. S; GARCÍA, M. O. El vínculo turismo-peregrinación. Un acercamiento desde la producción científica en inglés y en español. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v.26, p.86-106, 2017.

VILLACIS-MEJÍA, M. C *et al.* Diseño de productos turísticos culturales a partir del patrimonio inmaterial. **Retos Turísticos**, v.15, n.3, p.93-108, 2016.

WALL, G; SUN, Y; WU, P. Terraces and Tourism: Exploring Sustainable Tourism Development of Rice Terraces. **Tourism Tribune** 29, v.4, p.12-18, 2014.

WEBER, D. M. Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através d'O Paladino. **Signos**, v.33, n.1, p. 9-21, 2012.

WONG, C. U. I. The preservation of Macau's intangible colonial heritage: the case of Patúá. **Tourism Culture & Communication**, v.14, n.2, p.91-102, 2014.

ZHAO, Y; SHI, M.Y. An analysis of the three contradictions in the tourism development of intangible cultural heritage. **Tourism Tribune**, v.28, n.9, p.84-93, 2013.

"Tomb of the past" or "memory of a people": an analysis of the repercussions of the proposal to modernize the interior of the Church of Nova Trento/SC - Brazil

Abstract

The town of Nova Trento, in the Brazilian state of Santa Catarina, is recognized as one of the main religious tourism destinations in Brazil, due to the Sanctuary of Santa Paulina. The town's Trentino-Italian culture provides another attraction, particularly for gastronomy and wine production. Religiosity is another characteristic, with more than thirty chapels and/or oratories, distributed around the municipality, marking out the devotion of the saints of the Catholic Church. The town's Igreja Matriz - the main parish church - dedicated to San Vigilio, was built in the 1940s. But in 2016, a proposal to renovate its interior, by the parish that manages the building, sparked off a debate in the daily lives of the citizens that was widely published in the newspapers and social media, led mainly by those who opposed the changes. The relationship with memory and history linked to the process of the construction of the church brought to the fore different subjectivities and power relations, with voices of opposition to the project, both individual and institutional, from Brazil and further afield, in the region of Trento, Italy. This article investigates the representations of religious tourism and cultural heritage produced as a result of the proposal to modernize the interior of the Igreja Matriz. A qualitative study was carried out, using bibliographic sources and content analysis of individual and collective discourses. The main arguments identified by the research, among those who opposed the proposal, were the importance of the building for the cultural identity, its historical value, and the potential for religious tourism. The debate also generated a proposal for a public policy on heritage preservation, and a more comprehensive planning for religious tourism, though this policy has not yet been implemented in practice.

Keywords: *Tourism. Religious Tourism. Cultural heritage. Planning. Nova Trento.*

Artigo recebido em 12/03/2019. Artigo aceito em 14/06/2019.